

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PELA PERSPECTIVA FEMINISTA

THE SCIENCE OF INFORMATION BY THE FEMINIST PERSPECTIVELISH

Iraci Oliveira Rodrigues - Universidade de São Paulo
Marivalde Moacir Francelin - Universidade de São Paulo

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A análise da Ciência da Informação sob a perspectiva feminista se insere nas discussões epistemológicas da área. As concepções epistemológicas nortearam diferentes áreas do conhecimento e contribuíram para a reprodução de concepções preconceituosas. A problemática desta pesquisa insere-se nesse contexto. É fundamental apresentar e desenvolver análises críticas da informação e do conhecimento a partir das perspectivas do pensamento feminista. A pesquisa apresenta os argumentos feministas em busca de uma ciência, que pode ser chamada de sucessora e conclui que é necessário ampliar o cenário conceitual da informação e do conhecimento pela perspectiva feminista da ciência e da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Epistemologia Feminista; Feminismo.

Abstract: Epistemological conceptions guided different areas of knowledge and contributed to the reproduction of prejudiced conceptions. The problem of this research fits into this context. It is essential to present and develop critical analyzes of information and knowledge from the perspectives of feminist thinking. The reserch presents feminist arguments for a science that can be called successor and concludes that it is necessary to broaden the conceptual landscape of information and knowledge from the feminist perspective of science and information science.

Keywords: Feminism; Feminist Epistemology; Information Science.

INTRODUÇÃO

O feminismo, enquanto movimento sociopolítico que busca acabar com a desigualdade de sexo e gênero, reverberou e reverbera em diferentes esferas da sociedade, na qual se inclui o fazer científico e acadêmico.

O aprofundamento das discussões e elaboração de pesquisas sob a perspectiva feminista de ciência evidenciou que a produção científica de muitas áreas estava permeada de concepções sexistas e antropocêntricas, que criavam ou reproduziam preconceitos e estereótipos de gênero (HARAWAY, 1989; KELLER, 1985).

Com isso, diferentes áreas do conhecimento se colocaram sob análise da perspectiva feminista, a fim de verificarem se suas práticas e concepções estariam também sendo reprodutoras ou vetoras das relações desiguais entre os gêneros.

Diante desse cenário, surge a necessidade da Ciência da Informação analisar suas bases teóricas e epistemológicas, seus objetos e objetivos, seus instrumentos e métodos, e o seu próprio fazer sob uma perspectiva feminista.

É nessa direção que este trabalho foi elaborado, buscando apresentar como a perspectiva feminista de ciência tomou forma nos estudos acadêmicos, ao ponto de termos uma epistemologia feminista e também verificar como a Ciência da Informação foi ou pode ser impactada por esse cenário.

Sabendo que a construção teórica e epistemológica da Ciência da Informação não se apresenta como um todo coeso e condensado de grandes tratados, a sua análise se torna possível pela interpretação das concepções e dos conceitos, obras e autores, objetos e metodologias consolidados na área. Nessa análise é preciso considerar, ainda, o perfil dos pesquisadores e profissionais da área.

A metodologia adotada baseou-se no levantamento bibliográfico e análise de textos em três segmentos: a) da perspectiva feminista nas ciências e nas diferentes áreas do conhecimento; b) textos de epistemologia e Ciência da Informação; c) trabalhos de Ciência da Informação que fazem um balanço da produção científica da Ciência da Informação sobre as temáticas ligadas a perspectiva feminista de ciência.

Dessa forma, apresenta-se a seguir a análise parcial desse levantamento, que nos permite iniciar uma análise da Ciência da Informação em uma perspectiva feminista.

A perspectiva feminista da ciência e da construção do conhecimento

Desde quando o movimento feminista lançou suas críticas à ciência tradicional e à pesquisa acadêmica, questionando suas concepções, teorias, métodos, objetos e agentes/personagens, as concepções feministas de ciência ganharam força e acabaram por constituir, não somente estudos com temáticas feministas engajadas, como também constituíram uma perspectiva de fazer científico comprometido com a igualdade de gênero.

Dessa forma, o movimento feminista embute nas discussões acadêmicas e científicas, desde a década de 1980, a necessidade de se fazer uma ciência em perspectiva feminista. Donna Haraway se coloca como uma pesquisadora em busca de uma ciência de perspectiva feminista.

Eu, e outras, começamos querendo um instrumento afiado para a desconstrução das alegações de verdade de uma ciência hostil, através da demonstração da especificidade histórica radical e, portanto,

contestabilidade, de todas as camadas da cebola das construções científicas e tecnológicas, e terminamos com uma espécie de terapia de eletro-choque epistemológica que, longe de nos conduzir às questões importantes do jogo de contestação das verdades públicas, nos derrubou vítimas do mal da personalidade múltipla auto-induzida. Queríamos uma maneira de ir além da denúncia das ciências enviesada (o que, aliás é fácil), e além da separação das boas ovelhas científicas dos maus bodes do viés e do abuso.[...]. (HARAWAY, 1995, p.13)

A afirmação de Haraway (1995) nos permite perceber que o questionamento da ciência visando uma abordagem feminista não foi obra de poucas personagens, tampouco deixou de ser francamente atacada pelos segmentos de cientistas já estabelecidos.

A proposta da revisão feminista da ciência foi alvo de intensas críticas que versavam sobre a questão da objetividade científica, argumentando que não haveria uma ciência "masculina" ou "feminina", e sim, apenas "A Ciência". Como resposta a essas críticas foi construída toda uma argumentação feminista de desconstrução das doutrinas ideológicas da objetividade científica descorporificada, evidenciando a ciência como um jogo de poder. O diálogo estabelecido de questionamento da ciência descorporificada é estabelecido principalmente com as concepções de Descartes sobre a razão. Para Descartes a autoridade é encontrada na razão purificada e descorporificada, dentre os argumentos estaria a instabilidade das propriedades do corpo (SCHEMAN, 1993). Usando o argumento do construcionismo social da ciência, Haraway (1995, p. 13) diz que é necessário desmascarar as doutrinas de objetividade, porque elas ameaçam o nascente sentimento de subjetividade e atuação histórica coletiva e suas versões "corporificadas" da verdade, que muitas feministas tentam manter a sanidade nesses tempos fraturados e fraturantes mantendo uma versão feminista da objetividade.

Tentando entender como se constrói socialmente a ciência e como seria uma ciência de perspectiva feminista, Haraway se associa a ideia de "ciência sucessora" de Harding (1986 apud Haraway 1995). A "ciência sucessora" prevê, segundo ela, uma visão crítica sobre as práticas de dominação, privilégios e opressão.

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm. Nas categorias filosóficas tradicionais, talvez a questão seja ética e política mais do que epistemológica (HARAWAY, 1995, p.15).

Haraway ao finalizar esse trecho, dizendo que o cerne da ciência sucessora seria de caráter ético e político, e não tanto epistemológico, nos convida a investigar como as questões feministas adentraram o campo da epistemologia.

A epistemologia feminista

Ao abordamos os desdobramentos do feminismo na ciência, logo nos deparamos com o conceito de Epistemologia Feminista.

Para apresentarmos a proposta da epistemologia feminista é preciso antes entender o que é epistemologia. Para além de entender a epistemologia como sendo a teoria do conhecimento, é importante entender as questões que a norteiam, para que se possa assim entender sua trajetória e o lugar ocupado pela epistemologia feminista.

As principais questões que conduzem a epistemologia são: "O que é conhecimento?", "O que podemos conhecer?" e por fim, "Como conhecemos o que conhecemos?" (GRECO, 2012, p.16).

Essas questões há muito tempo movem a Epistemologia, indo dos estudos filosóficos da antiguidade aos estudos sobre tecnologia dos dias atuais, tornando a epistemologia um campo de embate teórico em diferentes vertentes. Mas, como nos interessa chegar na Epistemologia Feminista, passaremos antes pela definição de epistemologia social, cuja importância para o debate proposto é latente.

Para Schmit (2008, p.547) "[...] a epistemologia social pode ser definida como o estudo conceitual e normativo das dimensões sociais do conhecimento". A epistemologia social estuda a relevância das relações, interesses, papéis, e instituições sociais nas condições conceituais e normativas do conhecimento, tendo como questão central entender até que ponto as condições de conhecimento incluem as condições sociais.

É importante destacar, que já na construção da Epistemologia Social, com Margareth Egan e Jesse Shera (apud ODDONE, 2007) viam o conhecimento como algo que só se concretizava quando comunicado, tornando essencial as discussões sobre fluxos de informação e a comunicação. Dessa forma, o que temos é o nascimento da Epistemologia Social com pressupostos que a conectam diretamente com as futuras discussões da Ciência da Informação, sobretudo no tocante a informação e a comunicação científica.

A definição de Epistemologia Social traz algumas características que a aproxima do que pode ser considerada a Epistemologia Feminista. A aproximação entre a epistemologia

social e a feminista se dá principalmente pelo fato dos primeiros estudos de epistemologia feminista terem sido realizados dentro dos estudos de epistemologia social.

A epistemologia feminista ainda é apresentada como integrante das "novas direções" dos estudos epistemológicos e não configurando uma nova tese, mas sim, como uma determinada forma de se fazer epistemologia (GRECO, 2008).

Longino (2008) apresenta a epistemologia feminista como sendo tanto um paradoxo como uma necessidade, uma vez que por ser o feminismo um conjunto a fim de acabar com a desigualdade de gênero, se distanciaria da epistemologia geral, que busca a natureza da verdade e da justificação.

A autora argumenta que vários autores já provaram que em outras disciplinas acadêmicas, tais como História da Filosofia, a Psicologia Educacional, as ciências da vida e as ciências físicas estavam infiltradas de preconceito de gênero, tornando-se imperativo que a Filosofia também faça um exame detalhado de suas concepções, a fim de rastrear costumes sexistas e androcêntricos.

Dentro dos apontamentos feitos por Longino (2008) sobre a epistemologia feminista estão as discussões em torno do sujeito, sobretudo no tocante a corporificação do sujeito e suas implicações epistêmicas.

Neste ponto, retomamos a ideia presente em Haraway (1995), de uma ciência corporificada e de uma versão feminista de objetividade, em contraponto a Filosofia tradicional que busca o sujeito puro da razão ou do conhecimento, que foi defendido por filósofos homens, brancos e europeus.

Na perspectiva da epistemologia feminista, a situacionalidade e a epistemologia do ponto de vista são consideradas por Haraway (1995), que diz ser a epistemologia das perspectivas parciais a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional.

A Ciência da Informação e a perspectiva feminista

Os primeiros levantamentos sobre a perspectiva feminista de ciência na Ciência da Informação nos indicam que há produção científica na área em torno das temáticas originalmente ligadas à perspectiva feminista de ciência, como mulher, sexo e gênero.

Destacamos a pesquisa realizada por Patrícia Espírito Santo, na qual a autora faz o levantamento da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação, na base de dados do Portal Capes, dos trabalhos indexados com as palavras mulher/woman,

gênero/gender, feminino/female, sexo/sex e informação/information, e publicados entre 2000 e 2007. O levantamento recuperou 18 artigos publicados em revistas internacionais e 6 artigos em revistas nacionais Qualis A e B. Na mesma pesquisa, a autora realizou o levantamento nos anais dos Enancibs, entre a quarta e a oitava edição, encontrando 4 trabalhos que tratavam dos temas de perspectiva feminista na Ciência da informação.

Da descrição dos artigos realizados por Espírito Santo, de modo geral, temos a predominância de trabalhos que discutem a participação da mulher como pesquisadora, por meio do levantamento quantitativo de autoras, publicações e citações por gênero, indicando um cenário de desigualdade em prejuízo das mulheres. Outra vertente de trabalhos são aqueles que buscam mapear a diferença no comportamento informacional dos gêneros masculino e feminino, indicando a especificidade de cada um e a necessidade de adaptação dos sistemas de informação para atender a essas especificidades. Havia também trabalhos que discutiam a indexação e aspectos linguísticos ligados à questão de gênero.

Dentre os trabalhos levantados, destacamos ainda, a pesquisa realizada por Leilah Santigado Bufrem e Bruna S. do Nascimento, cujos resultados foram publicados no artigo *A questão de gênero na literatura em ciência da informação*, de 2012. No referido estudo, as autoras fazem uma análise bibliométrica da presença da mulher na produção científica em Ciência da Informação e também uma análise da produção da área em relação a temática de gênero nos estudos acadêmicos da área entre os anos de 1972 e 2011, tanto no cenário nacional quanto internacional. O corpus documental trabalhado, levantado na BRAPCI (Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), era formado por 74 artigos escritos por 102 autores distintos.

Dentre os resultados encontrados na pesquisa de Bufrem e Santos (2012) destacamos o fato de que entre os 102 autores dos 74 artigos encontrados, 79,28% são mulheres.

Ao que tudo indica, está ficando a cargo delas abordar e produzir nessa seara. O interesse flagrante desse público pelos estudos de gênero encontra justificativa no fato de que, somente com o respaldo de um maior conhecimento acerca das distinções e diferenciações entre os sexos, no âmbito científico, será possível compreender e, por conseguinte, alterar a participação e a inserção da mulher na ciência, atividade historicamente atrelada à figura masculina (BUFREM; NASCIMENTO, 2012, p. 205).

Na Ciência da informação pode-se dizer que essa ainda é uma temática tímida quando vista através dos números. Os dados da pesquisa mostram que houve um aumento significativo de interesse pela temática de gênero e feminista na última década de cobertura da pesquisa de Bufrem e Nascimento.

Por mais tímida que a produção sobre gênero pareça, pois um corpus de 74 artigos dispersos em um universo de aproximadamente 5000 indexados na BRAPCI não coloca o tema entre os preferidos da área, é flagrante o aumento no interesse sobre a questão do gênero nos últimos cinco anos (BUFREM; NASCIMENTO, 2012, p. 207).

As duas pesquisas apresentadas são indícios de como as questões de gênero, uma vertente da perspectiva feminista de ciência, vêm sendo abordadas pela Ciência da Informação.

Considerações finais

A configuração de uma abordagem epistemológica feminista do conhecimento contribui para que haja um movimento em duas direções, tanto em uma perspectiva de revisão histórica, como de projeção do fazer científico e acadêmico das mais diferentes áreas. O exame sobre uma perspectiva feminista proposto por Longino (2008) à Filosofia cabe a todas as áreas do conhecimento, na qual se inclui a Ciência da Informação.

Os primeiros resultados de pesquisa, por meio da revisão de literatura dos trabalhos de levantamento de dados, nos indicam que a perspectiva feminista de ciência ou a epistemologia feminista chegou à Ciência da Informação pela discussão da participação da mulher como pesquisadora e nas temáticas de gênero.

Acreditamos que seja necessário atualizar os levantamentos sobre a produção científica da área sobre as temáticas ligadas à perspectiva feminista de ciência, mas, sobretudo, buscar examinar a construção teórica e as concepções que norteiam a área sob a perspectiva feminista, a fim de aferir o quanto a Ciência da Informação precisa caminhar para desconstruir os preconceitos e estereótipos de gêneros que a permeiam.

A proposta de análise da Ciência da Informação sobre uma perspectiva feminista é algo que vem agregar ao movimento já iniciado de incorporação de temáticas feministas e de gênero nos estudos de Ciência da Informação.

Os primeiros resultados da pesquisa indicam a necessidade de ampliação na Ciência da Informação da compreensão da perspectiva feminista de ciência, não se limitando a

questões temáticas, mas sim discutindo abordagens teóricas, metodologias e análises propostas. Ampliando a discussão para as relações de poder que permeiam as discussões sobre informação e que estão para além da discussão hierárquica de gênero.

Referências bibliográficas

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/11914>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

GRECO, John. O que é epistemologia. In: GRECO, John; SOSA, Ernest. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução de Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p.15-61.

HARAWAY, D. **Primate visions: gender, race, and nature in the world of modern science**. New York: Routledge, 1989.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflections on gender and science**. New Haven: Yale University Press, 1985.

LONGINO, H. Epistemologia feminista. In: GRECO, John; SOSA, Ernest. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução de Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p. 505-546.

ODDONE, Nanci. Revisitando a "Epistemologia Social": espaço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p.108-123. jan./abr. 2007

SCHEMAN, Naomi. **Engenderings: constructions of knowledge, authority, and privilege**. New York: Routledge, 1993.

SCHMIT, F. Epistemologia Social. GRECO, John; SOSA, Ernest. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução de Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008. p. 547-591.